

PALCO

JUIZ DE FORA, OUTUBRO, 2008. ANO I, Nº 01

JUIZ DE FORA POR TRÁS DO PANO

No século XIX, Juiz de Fora acompanhava com interesse a evolução do teatro no Brasil, gênero no qual o padre José de Anchieta foi um dos pioneiros no país, utilizando-o na evangelização das comunidades indígenas. A chegada da família real e o posterior processo de Independência catalisaram o desenvolvimento do teatro por aqui. Na cidade, as primeiras manifestações, de ordem caseira e amadora, ocorriam nas festas da antiga Capela de Santo Antônio, em circos ou nas fazendas da região.

Edmundo Lys, em seu texto "Centenário do Teatro em Juiz de Fora", relata a presença de atores mambembes

palco de diversas companhias locais, nacionais e internacionais. Inicia-se, em 1929, a história do Cine-Theatro Central, que então viria a ser cenário de boa parte da produção cultural do município e região nos anos posteriores.

O professor e teatrólogo José Luiz Ribeiro, mentor do Centro de Estudos Teatrais e diretor do Grupo Divulgação, relata o panorama da produção teatral em boa parte do século XX: "O teatro amador possuía uma força enorme, engendrada por grupos estudantis, paroquiais e operários", afirma. "Havia, nos anos 50, o Elenco Masson Filho e o Grupo Amador Teatral. Nomes como Belmiro Braga, Oscar da



NESTA EDIÇÃO

VERSATILIDADE
AVOCÇÃO DO CENTRAL
PARA AS DIFERENTES
LINGUAGENS ARTÍSTICAS

TRADIÇÃO
JUIZ DE FORA E SEUS
GRANDES ESCRITORES

INVESTIMENTOS
REESTRUTURAÇÃO
ADMINISTRATIVA GARANTE
GESTÃO PROFISSIONAL
A CINE-TEATRO

ENTREVISTA JOÃO CARLOS
MARTINS
A TRAJETÓRIA DE
SUPERACÃO DO GRANDE
PIANISTA E MAESTRO

MAMM
JANDIRA NA
INTERPRETAÇÃO PLÁSTICA
DE MAURO VALSANGIACOMO

EXPOSIÇÃO
A VIDA EM MÚLTIPLAS
FORMAS E CORES NO FUNDO
DO OCEANO

na antiga Rua Direita (atual Avenida Rio Branco), entre 1857 e 1859. Segundo o autor, o ano de 1859 é o marco inicial do teatro amador em Juiz de Fora. Com produção e atuação do caixeiro-viajante Antônio, português e entusiasta do teatro, e com a participação de outros cidadãos locais, foi encenado o drama "29 ou Honra e Glória".

Por volta de 1863, inaugura-se o primeiro espaço teatral de Juiz de Fora, o Teatro da Misericórdia, o terceiro de Minas Gerais, concebido pelo Barão de Bertioga para custear a manutenção da recente Santa Casa de Misericórdia. Na estréia, é encenado "Afonso III ou o Valido Del-Rei", com alunos do Colégio Roussin. Em 1871, uma série de dificuldades na construção de mais um teatro, enfrentadas pela "Sociedade Perseverança", instituição encabeçada pelo rico comerciante Carlos Otto, acabou por inspirar-lhe o nome: Teatro Perseverança, apertado, humilde, mas bem localizado na Rua Espírito Santo.

A história também registra outros palcos em Juiz de Fora, como o Teatro São Sebastião (inaugurado em 1870, na Rua Halfeld); o Teatro do português Matos Lobo (de 1874, no antigo Largo Municipal); o Teatro Provisório, de propriedade do mímico e coreógrafo Francisco Escudero (1888); o Teatro Éden, na Rua Halfeld, e o Teatrinho da Sociedade União Recreativa (fundado em 1890). Surgem nesta época os denominados cine-teatros, espaços destinados também à nascente arte do cinema: o Variedades, na Rua São João; o Polytheama, no lugar onde depois seria construído o Cine-Theatro Central; o Popular e o Glória. Em 1889, os irmãos Frederico e Alfredo Ferreira Lage, filhos do pioneiro Mariano Procópio, inauguraram mais um estabelecimento, o Teatro Juiz de Fora – também denominado Teatro Novelli, graças a Ermette Novelli, festejado ator italiano que encantara o público juizforano.

SÉCULO XX

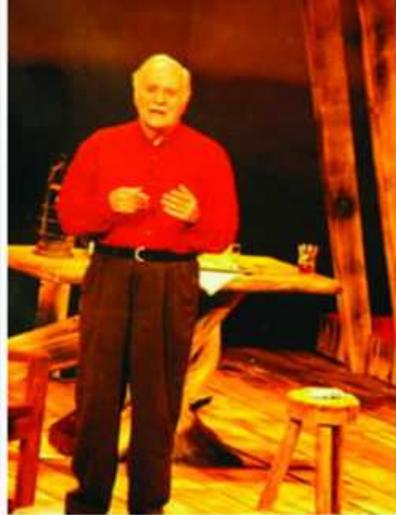
O início do século XX assiste a uma cidade em franca expansão. Pólo cultural da região, Juiz de Fora era

Gama, Ali Halfeld e José Carlos de Lery Guimarães são representativos de uma laboriosa linhagem de autores genuinamente locais". Ainda segundo José Luiz, "a criação da UFJF, em 1960, injetou sangue novo na produção teatral. O Teatro do Estudante do Brasil (posterior Teatro Universitário), o Teatro da Casa d'Itália (posterior Teatro de Comédia Independente) e o Centro de Estudos Teatrais eram grupos formados por universitários".

A partir dos anos 70, diversas companhias, amadoras e profissionais, surgem e desenvolvem-se mesclando vanguardas e formação educacional de atores: o Grupo Sensorial, o Grupo Embaixo do Céu, o ATG, o Teatro de Quintal, o GTA, o Grupo Art-Vida, a Isto Cia. Teatral, o Putz e vários bem-sucedidos encontros. Nomes como os de Henrique Simões, Marcos Marinho, Jaime Ribeiro, Guilherme Bernardes, Sérgio Lessa, Nilza Bandeira, Terezinha Martins, Edgard Ribeiro, Robson Terra, Tadeu Santos, Guy Schmidt, Guaraci Silveira, Loló Neves, Pedro Bismarck brilharam nos palcos da cidade.

Para receber o trabalho desses grupos, Juiz de Fora conta hoje com uma infra-estrutura de espaços teatrais. Construído em 1926, o Teatro Academia tem sede na Academia de Comércio. Foi reinaugurado em 1995, após um longo tempo atuando como depósito e oficinas do colégio. No endereço que abrigou antes a Faculdade de Direito da UFJF instalou-se o Fórum da Cultura, pólo de fomentação cultural (teatral, principalmente) incessante. Em 1972, a casa recebeu "A Morta", de Oswald de Andrade, marcando a bem-sucedida parceria com o Centro de Estudos Teatrais (Grupo Divulgação) até hoje.

Em 1974, o Centro Cultural Pró-Música inaugurou seu espaço teatral. O Teatro Pró-Música, reformado em 1997, vem sendo palco de atividades diversas, da arte dramática à música erudita. O Teatro Solar, o Teatro do SESC e o Teatro da Sociedade Filarmônica de Juiz de Fora completam o cenário local, renovando a arte e reafirmando a atenção histórica dos juizforanos para com o abrir das cortinas.



CINE-THEATRO CENTRAL RECINTO DA ARTE

Encravado como uma rara jóia no coração de Juiz de Fora, o Cine-Theatro Central tem sido palco das mais diversas linguagens artísticas. Com excelentes recursos cênicos e acústicos, é o melhor e mais adequado espaço da cidade para a montagem de peças teatrais, concertos, espetáculos de dança e *shows* musicais, o que o consolidou, nesses quase 80 anos de história, como tradicional centro cultural, uma referência para o mercado de artes e espetáculos.

Suas características clássicas, próprias dos melhores teatros do mundo, como a platéia em forma de ferradura com capacidade para 1.800 espectadores, a inclinação do palco e a presença do fosso da orquestra, são alguns dos fatores que permitem ao Central abrigar os mais diferentes tipos de apresentações e fazem dele um dos poucos espaços culturais brasileiros com tal versatilidade.

Essa vocação para bem receber a multiplicidade de linguagens artísticas da criação humana começa pela sua natureza de cine-teatro. Criados a partir dos anos 20, estes espaços foram arquitetonicamente projetados para apresentar espetáculos teatrais e exibir filmes. Por décadas, o Central foi considerado o templo da sétima arte no município, cenário das principais estréias nacionais e estrangeiras, sediando duas edições do Festival de Cinema de Juiz de Fora, no final da década de 60. Hoje integralmente dedicado a apresentações ao vivo, o Central revisita ocasionalmente seu passado cinematográfico em ocasiões especiais, como a abertura do Festival Primeiro Plano.

O palco do Central recebeu, ao longo dos anos, importantes nomes do teatro brasileiro: no passado, as Companhias Teatrais de Eva Tudor e Procópio Ferreira e, recentemente, Paulo Autran, Nathália Timberg, Laura Cardoso e Bibi Ferreira, além de nomes como Fernanda Montenegro, Zezé Motta, José Wilker, Ney Latorraca, Miguel Falabella, Zezé Polessa e vários grupos teatrais de prestígio nacional, como Galpão e Ponto de Partida.

O Central também acolheu importantes grupos nacionais e estrangeiros de dança, como a Cia. Deborah Colker e os primeiros bailarinos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Marcelo Misailidis e Ana Batafoga, a Cia. Nacional de Dança da Bielo Rússia, o Momix e o grupo russo "Ballet Saint Petersburg Theatre", além de ter sido palco do Festival Internacional de Dança Folclórica.

O teatro tem abrigando o que há de melhor na produção da música popular brasileira. A partir do final da década de 60, foi palco do Festival de Música de Juiz de Fora, que reuniu cantores e compositores, hoje aclamados

pela crítica, como Sueli Costa, Danilo Caymmi e Clara Nunes, que aqui interpretou pela primeira vez um de seus maiores sucessos, a canção "Tristeza pé no chão", do compositor juizforano Armando Aguiar, o Mamão.

Grandes artistas elegeram o Central como palco e o consagraram em suas apresentações, como Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Ney Matogrosso, Maria Bethânia, Zé Rodrix, Guarabira, Gonzaguinha, Tom Jobim, João Gilberto. Além desses, o talento dos mais jovens também marca presença no Central, como Maria Rita, Adriana Calcanhoto, Zélia Duncan, Ana Carolina, Emmerson Nogueira, Roupas Nova e Engenheiros do Hawaii.

A acústica do teatro é uma das lembranças mais marcantes na memória de quem já se apresentou no palco do Cine-Theatro Central. O som ecoa com a reverberação perfeita: produz sintonias arredondadas e quentes, que não atrapalham a nitidez das palavras ou das harmonias e não se misturam às novas notas cantadas ou tocadas. O fosso da orquestra, que separa artista e platéia, cumpre seu papel estrutural de permitir um som ainda mais limpo e nítido dentro do espaço.

Do popular ao erudito, o Central mostra sua versatilidade. Os concertos de música clássica e instrumental são responsáveis por alguns dos momentos mais belos do teatro. O "Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga", em sua 15ª edição, em 2004, levou ao palco do Central a ópera *Zaira*, marco importante da história da música brasileira por ser a mais antiga ópera criada no Brasil cuja partitura sobrevive.

Grandes orquestras e conjuntos nacionais e estrangeiros também são presenças constantes. Ao completar 150 anos, Juiz de Fora, recebeu, no Cine-Theatro Central, o pianista Edmundo Villani-Côrtes, que apresentou a obra *Te-Deum*, encomendada pelo Centro Cultural Pró-Música, especialmente para a comemoração do aniversário da cidade. Na ocasião, o próprio Villani-Côrtes reger a orquestra do Pró-Música, composta por mais de 100 músicos. Outro importante nome é o maestro João Carlos Martins, um dos maiores pianistas do século XX, que por duas vezes já emocionou o público do Central.

Todas as formas de manifestação artística encontram seu lugar no Cine-Theatro Central, que realimenta sua essência e revigora sua energia para fazer de Juiz de Fora um núcleo comprometido com a criação. Afinal, nosso sonho é que resida, no Cine-Theatro Central, um permanente convite à emoção.

GA

GESTÃO DEMOCRACIA E PROFISSIONALIZAÇÃO

O Cine-Theatro Central, desde setembro de 2006 sob a coordenação da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, passou por importante reestruturação administrativa que proporcionou ao teatro uma gestão mais profissional e permitiu à casa executar reformas e melhorias necessárias ao próprio funcionamento.

A elaboração do Regimento do Central, aprovado pelo Conselho Superior da UFJF em maio de 2007, traçou as diretrizes para o funcionamento e a preservação do espaço. No documento constam disposições acerca de atribuições dos órgãos competentes, permissão de uso, estruturação administrativa e outras questões burocráticas que auxiliam a direção do Cine-Theatro.

A criação do Conselho Deliberativo, formado por representantes da Pró-reitoria de Cultura, da Prefeitura, da Fundação de Apoio e Desenvolvimento ao Ensino (FADEPE) e por supervisores do Cine-Theatro, estabelece a discussão democrática sobre o direcionamento do espaço. O Conselho trouxe alterações na forma de gerenciamento do Central, estendendo a outros setores da universidade – representantes dos professores, servidores e estudantes – a participação efetiva nas decisões do teatro.

O novo regimento trata também de questões de preservação do imóvel e de seu entorno, por se tratar de um bem cultural de Juiz de Fora, de reconhecimento e destaque

no patrimônio nacional. Irregularidades e defasagens no sistema hidráulico de segurança foram sanadas e cumpridas todas as adaptações exigidas pela legislação. Outras intervenções em caráter de urgência foram necessárias, como a execução de um novo projeto para as instalações elétricas e a aquisição de equipamentos e iluminação.

A mecânica cênica foi trocada. A diligência no trato destes equipamentos confere maior segurança e qualidade aos espetáculos exibidos no Central. A segurança externa do prédio foi reforçada, reduzindo drasticamente ocorrências de vandalismo.

O restabelecimento do Cine-Theatro como ícone da promoção cultural da cidade, a preocupação com o conforto e a qualidade das instalações e os projetos desenvolvidos junto à universidade e em convênios com outras entidades impulsionaram o crescimento e a diversificação do público nos últimos dois anos. Iniciativas como o Projeto Sérgio Lessa, que destina gratuitamente datas à comunidade produtora de Juiz de Fora para apresentações culturais abertas ao público ou a preços populares, selecionadas através de edital público, estimulou a frequência do juizforano ao teatro.



MF



JUIZ DE FORA VOCAÇÃO PARA AS LETRAS

Pólo de convergência da Zona da Mata, Juiz de Fora aglutinou gerações de intelectuais que encontraram aqui a movimentação necessária a um convívio cultural efervescente. A cidade se destacou especialmente por construir uma tradição literária, firmada no século XIX graças à atuação de muitos poetas, prosadores e jornalistas. Diversas publicações, ainda que de vida efêmera, como jornais diários e semanários, almanaques, revistas ilustradas e acadêmicas abrigavam a produção literária de autores de sonetos, contos, ensaios, romances, novelas, dramas e comédias para o teatro.

Nesse período, destaca-se Oscar da Gama, que colaborou em diversos periódicos, como *O Pharal* e *Novidades*, além de ter publicado poesias e textos em revistas teatrais. Mais tarde, Batista de Oliveira, Machado Sobrinho, João Penido Filho, José Rangel, Alphonsus Guimarães, Heitor Guimarães e Lindolfo Gomes ratificaram a inclinação do município para as letras. Muitos desses escritores ajudaram a fundar, em 1910, a Academia Mineira de Letras. Entre os fundadores da instituição destacam-se ainda Belmiro Braga (autor de peças, contos e poesias), Albino Esteves (jornalista, historiador e escritor), além de Gilberto de Alencar (jornalista e romancista).

Considerada por alguns um sonho impossível à época, a Academia permaneceu em Juiz de Fora até 1914, quando foi transferida para a capital mineira. Apesar desta perda, a cidade vivenciou momentos notáveis da literatura local no século XX. A agitada década de 1920 ensejou escritores inspirados pelo modernismo, como o belorizontino Austen Amaro, que em temporada por aqui se entusiasmou com os ares modernistas da cidade industrial e lhe dedicou o poema lírico *Juiz de Fora*, ilustrado com desenhos

de Pedro Nava (foto), de 1926, hoje considerado o primeiro livro modernista publicado em Minas Gerais. Na década seguinte, Murilo Mendes despontou como poeta e sua poesia correu o mundo.

A literatura juizforana ganhou visibilidade nacional também com nomes como Pedro Nava, Rachel Jardim, Fernando Gabeira e Affonso Romano de Sant'Anna. A cidade fixa-se como referência na obra desses autores, retomada ora de forma memorialista, a exemplo de Pedro Nava em *Bau de Ossos*, publicado em 1972, ora como objeto de curiosidade e estudo, tal qual em "A Rua Halfeld", de Murilo Mendes, ou o cenário ideal de um romance, nas mãos da Rachel Jardim de *Os anos 40* e *O penhoar chinês*, nos quais a autora desenvolve uma descrição minuciosa dos costumes sociais e culturais da cidade.

Período marcado pelo embrutecimento do regime ditatorial e pelo movimento estudantil, a década de 70 se tornou decisiva para que a literatura local ganhasse novo fôlego. Destaca-se nesta época o grupo Abre Alas, responsável pela publicação de livros e da revista *D'Lira*, dedicada à divulgação de textos e críticas literárias.

José dos Santos, Edimilson Pereira, Luiz Ruffato, Iacyr Anderson Freitas, Fernando Fiorese, Júlio Polidoro e Luiz Augusto Knop Mendonça, o Knorr, participavam do grupo político e cultural. Diante do amadurecimento criativo e intelectual, os membros do Abre Alas se dispersaram e seguiram individualmente suas carreiras. Hoje, sua premiada e elogiada produção literária confirma a vocação da cidade para as letras.

MF

ENTREVISTA JOÃO CARLOS MARTINS

A vida do maestro e pianista João Carlos Martins já virou tema de livro e roteiro de filme. Não por acaso: o músico passou por situações extremas de drama e glória que, provavelmente, superam a imaginação dos melhores escritores e cineastas. Considerado um dos grandes pianistas do século XX, João Carlos estreou aos 20 anos no Carnegie Hall, em Nova York. Em 1965, sofreu um acidente enquanto jogava futebol: caiu e teve o braço direito penetrado por uma pedra, que atingiu o nervo cubital, prejudicando os movimentos da mão direita. Seria apenas o primeiro de uma série de problemas nas mãos, que, por fim, o levariam a trocar o piano pela batuta em 2003. Hoje, ele é regente da Orquestra Bachiana Filarmônica e da Orquestra Bachiana Jovem. À frente desta, apresentou-se no Cine-Theatro Central em agosto, em um concerto emocionante que mesclou músicas populares e eruditas.

Qual é a proposta da Orquestra Bachiana Jovem?

Unir garotos dos mais diversos bairros de São Paulo, que têm a música como ideal e procuram o perfeccionismo antes de tudo – mas sem deixar de lado a emoção. Ao mesmo tempo, fazemos um trabalho social na periferia da cidade. Promovemos uma iniciação à música para crianças que nunca tiveram acesso a ela.

Como surgiu essa admiração pelas composições de Johann Sebastian Bach?

Comecei a estudar piano aos 8 anos e, seis meses depois, venci um concurso tocando obras de Bach. Foi assim que ele virou meu companheiro desses últimos 60 anos.

Sua história de vida é, para muitos, um exemplo de superação, perseverança, força de vontade. De onde vem tanta persistência?

Achava que meu caso era de teimosia, até que um dia uma psicóloga me disse que era de superação, e eu acreditei.



Você já foi aclamado como um dos maiores pianistas do século XX, tocou com grandes orquestras, gravou a obra completa de Bach para piano. Atualmente, é diretor e regente das duas Bachianas. O que mais falta fazer?

Tenho muitos planos. Acho que nosso trabalho social em São Paulo vai ultrapassar as fronteiras do estado. Há também um projeto ambiental. Fui com a Bachiana Filarmônica duas vezes para o Carnegie Hall, tocar para 2.800 pessoas. Uma das peças servia para conscientizar os americanos quanto à importância de se preservar a Floresta Amazônica. Se Sting faz esse tipo de trabalho no exterior, nós, brasileiros, também devemos fazê-lo. Respeito o trabalho dele, mas quero ver brasileiros defendendo essa causa.

Em 2003, você disse que havia 10 anos que nada do que fazia na música ganhava importância em seu país. Essa situação continua hoje?

Estou vivendo um momento mágico. Toquei hoje em Belmiro Braga. Ao final da apresentação, meus olhos se encheram de lágrimas, porque lembrei que estava lá fazendo um concerto para pessoas que talvez jamais teriam a oportunidade de ouvir música clássica. Toda a orquestra se sensibiliza. Posso reger em Paris numa segunda-feira e fazer o mesmo na sexta, ao lado de uma favela em São Paulo – e com o mesmo amor. Isso vai crescendo no boca-a-boca. Ando 10 a 12 km por dia enquanto memorizo as músicas, porque não consigo virar as páginas das partituras. Hoje, estava andando no Parque Halfeld [Juiz de Fora] e, a cada dois minutos, alguém me parava para falar coisas do tipo: "Por sua causa voltei a acreditar em mim". Minha responsabilidade foi crescendo de tal forma que passei a fazer de tudo para não decepcionar essas pessoas.

GP

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/n.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

05.10, 17h Reino Feliz, Projeto Sérgio Lessa, Cia Trolha
09.10, 19h Biocombustível e fome, José Arbex Júnior
11.10, 19h30 Hanna Musical, Hana Montana cover
12.10, 17h Quem matou o leão, Projeto Sérgio Lessa, Isto Cia Teatral
18.10, 19h30 Miss Juiz de Fora
23.10, 20h30 Cotidiano Imaginário, Projeto Sérgio Lessa, Ekilibrio Cia de Dança
24.10, 21h Surto, Os Surtados
27.10, 19h Titãs - A vida até parece uma festa, Branco Mello, Abertura do Festival Primeiro Plano
25.10, 21h Como sobreviver em festas e recepções com buffet escasso, Carlos Nunes
30.10, 21h O lago dos cisnes, Moscow City Ballet

FORUM DA CULTURA

Rua Santo Antônio, 1112
(32) 3215-3850
www.forumdacultura.ufjf.br
Terça a sexta: 14h às 20h30

GALERIA DE ARTE

30.09 a 12.10 Arte-Educação, Renata Castro
14.10 a 02.11 Refolhar, Adélia Sena

MUSEU DE CULTURA POPULAR

30.09 a 02.11 Bonecas e bonecos

TEATRO

01.10 a 04.10, 20h30 As preciosas ridículas, espetáculo de Molière, Encerramento do Curso de Iniciação ao Teatro
15.10 a 30.11, 20h30 Bailes da Vida, espetáculo de José Luiz Ribeiro, Grupo Divulgação
13.10, 19h30 Teatro Hoje, Maria Helena Kühner, Palestra - Festival de Teatro de Juiz de Fora

MAMM

MUSEU DE ARTE MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229 9070
www.mamm.ufjf.br
terça a sexta: 10h às 18h
sábados e domingos: 13 às 18h

EXPOSIÇÕES

Jandira, o começo do mundo, Mauro Valsangiacomo. Galeria Retratos-relâmpago História do Brasil, Murilo Mendes. Galeria Convergências Terra de Vera Cruz, Eliardo França. Galeria Poliedro

DIÁLOGOS ABERTOS

07.10, 19h Maria Isabel Santos e Herminio de Souza Santos, fundadores do Centro Cultural Pró-Música
21.10, 19h Nivea Bracher, artista plástica

LEITURAS TEMÁTICAS

08.10, 20h Lançamento do livro Viagem ao sol, de Embra Rhodes
16.10, 20h Lançamento do livro Sob o signo da memória, de Sonia Regina Miranda
23.10, 20h Lançamento do livro Desvios, de Darlan Lula

MUSICAMAMM

12.10, 19h Show Marinho fica bobo e canta
26.10, 19h Projeto Ancestrais Futuros, Glaucus Linx

CINEMAMM

28.10, 19h30 Dia Internacional da Animação
27.10 a 02.11, Primeiro Plano Festival de Cinema de Juiz de Fora e Mercocidades
28.10 a 01.11, 13h Debate sobre os filmes exibidos na cidade
10h Espaço de Convivência e Oficinas em Arte Educação
15h Encontro Internacional de Audiovisual de Juiz de Fora e Mercocidades

GALERIA DA REITORIA

Campus Universitário
Biblioteca Central

EXPOSIÇÃO

Oceano: vida escondida, Alberto Lindner

JANDIRA DIÁLOGO COM UM MITO LITERÁRIO

"O mundo começava nos seios de Jandira", escreveu Murilo Mendes no poema que inspiraria, décadas depois, o suíço Mauro Valsangiacomo a criar os desenhos que compõem a exposição "Jandira, o começo do mundo", em cartaz na Galeria Retratos-Relâmpago do Museu de Arte Murilo Mendes - MAMM.

Desde que deparou com uma tradução do poema para o italiano, o artista dialoga com a obra do autor. Sua Jandira surge retratada, em nanquim sobre papel, em salientes contornos delineados por traços fortes e expressivos, que sugerem o feminino. Detalhes - olhos, seios e sexo - se destacam nas 18 imagens expostas.

Publicada no livro *O Visionário*, de 1941, "Jandira" é uma poesia de versos livres sem rima nem métrica, que descreve o princípio do universo através da mulher, quinto elemento da natureza na obra do poeta juizforano - ao lado da terra, do fogo, da água e do ar. "Jandira é o mito maior de Murilo Mendes", define a pesquisadora em história literária de Juiz de Fora, Leila Barbosa: "Assim como Ariadne, de Vinicius de Moraes, ela pode ser mãe, terra, filha, esposa".

A partir dos seios, que simbolizam o início da criação, Jandira é desvendada a cada verso como matriz. Tudo passa, mas ela permanece. "Enquanto houver mundo, haverá Jandira, e enquanto houver Jandira, haverá mundo", sentença Leila.

Jandira é um mito literário, entre outras razões, porque pode ser vista de diversas maneiras. Cada um tem sua própria idéia de como ela é e, potencialmente, existem tantas Jandiras quanto possíveis leitores para o poema. Nada mais natural, quando se trata do legado do polidêmico Murilo Mendes.

Responsável por trazer a exposição à cidade, o poeta e professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Edmilson de Almeida Pereira, considera que as obras não revelam a Jandira concebida por Murilo, mas a sugerem. "Assim como o poeta, através de seu verbo incendiado, o artista, com suas linhas incendiárias, nos mostra que Jandira ainda não veio, ou se veio, necessita sempre e urgentemente de nosso desejo para que, uma vez mais, não se despeça de nosso presente". analisa.

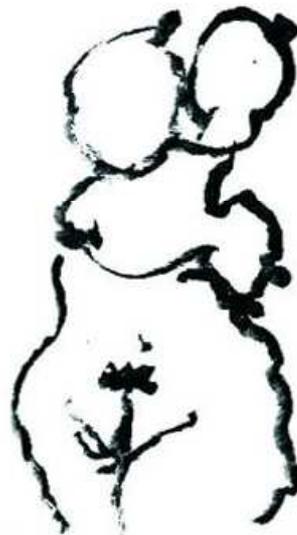
O mundo começava nos seios de Jandira.

Depois surgiram outras peças da criação:
Surgiram os cabelos para cobrir o corpo,
(Às vezes o braço esquerdo desaparecia no caos.)
E surgiram os olhos para vigiar o resto do corpo.
E surgiram sereias da garganta de Jandira:
O ar inteirinho ficou rodeado de sons
Mais palpáveis do que pássaros.
E as antenas das mãos de Jandira
Captavam objetos animados, inanimados.
Dominavam a rosa, o peixe, a máquina.
E os mortos acordavam nos caminhos visíveis

[do ar

Quando Jandira penteava a cabeleira...

Jandira. In: MENDES, Murilo. *O visionário*.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1941, p. 24-28



GP



Foto: Alvaro E. Migotto



Foto: Alvaro E. Migotto



Foto: Alberto Lindner



Foto: Alvaro E. Migotto

OCEANO A NATUREZA COMO OBRA DE ARTE

O mar, visto de perto, é uma gigantesca imagem plástica com vasta gama de cores, formas e texturas. A exposição fotográfica "Oceano: vida escondida", em cartaz no Espaço da Reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), revela imagens surpreendentes de organismos que habitam águas salgadas.

Divididas em quatro categorias - Plâncton, Mar Profundo, Larvas e Protistas -, as fotografias retratam seres desconhecidos pela maioria. "As pessoas vêem golfinhos, tartarugas, tubarões e baleias, mas ignoram a maior parte dos organismos marinhos. Isso acontece porque eles têm dimensões minúsculas ou porque vivem escondidos entre rochas ou nas profundezas do oceano. Há, também, os que se confundem com a coluna d'água por serem transparentes", explica o biólogo Alberto Lindner, curador e fotógrafo da exposição.

As imagens foram capturadas por pesquisadores no Centro de Biologia Marinha da Universidade de São Paulo - exceto as de Mar Profundo, que foram feitas na costa do Alasca. Coletados no mar e levados para o laboratório, os modelos foram fotografados no aquário ou com auxílio de instrumentos

óticos - novamente, com exceção da categoria Mar Profundo. "Queremos instigar a curiosidade das pessoas, mostrando a elas que esses seres não são exóticos, mas que vivem aqui, muito próximos de nós", salienta Lindner.

Para seleção de imagens, considerou-se seu valor estético e capacidade de surpreender e despertar interesse no público. Juiz de Fora é o quinto destino das fotografias, que, desde setembro de 2007, já foram vistas por quase 100 mil pessoas nas cidades de São Sebastião, Ubatuba, São Paulo e Rio de Janeiro.

A exposição faz parte do XIV Seminário de Iniciação Científica da UFJF, promovido pela Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade. No evento, os acadêmicos têm oportunidade de aprofundar seus conhecimentos específicos e conhecer trabalhos oriundos das mais diversas áreas. Para a Pró-reitoria de Pesquisa da UFJF, Márcia D'Agosto, além de despertar a curiosidade dos espectadores, a exposição fotográfica propaga o intercâmbio entre os diferentes domínios do conhecimento, pois apresenta uma vertente de atuação de pesquisadores que revelam na natureza formas de grande valor estético.

GP